



Vasco Rosa

Centenário de Pedro da Silveira, XIV

Arthur Rimbaud

“Raramente se encontrará artigo mais documentado sobre todos os aspectos que aborda, da recepção de Rimbaud entre os simbolistas lusos, à própria diacronia das traduções do poema vertido para a nossa língua no Brasil e em Portugal, trazendo rapidamente à memória os seus relevantes trabalhos para a biografia possível de Cesário Verde, o poeta que mais — e mais do que António Nobre — influenciou pares vindouros em Portugal.”

Conjugando exercício ou deleite próprios, como fez Alexandre O’Neill nas páginas de A Capital, ou quiçá motivado pelo monumental projecto de Jorge de Sena *Poesia de 26 Séculos* (2 vols., 1971-72), Pedro da Silveira traduziu autores de sua preferência, numa empreitada que foi ganhando fôlego e resultaria, décadas depois, no volume *Mesa de Amigos* (68 no total) cuja primeira versão saiu discretamente nos Açores com a chancela da Secretaria Regional de Educação e Cultura (1986), antes que a Assírio & Alvim acolhesse em 2003 uma colectânea mais alargada, e revista, dando-lhe enfim a notoriedade merecida. Começou com três poemas de amor de Pablo Neruda, na página cultural do *Correio dos Açores*, em Novembro de 1948 — quando a obra deste chileno «politicamente empenhado», como agora se diz, não tinha ainda divulgação editorial por aqui (*Plenos Poderes* sairia pela Dom Quixote em 1962, com tradução de Luís Pignatelli, e sete anos mais tarde Fernando Assis Pacheco assinaria uma *Antologia Breve*), a qual todavia disparou em 1971, quando lhe foi atribuído o Prémio Nobel da Literatura.

Quem folheie jornais velhos, ou os tenha lido ao dia em tempos que há muito lá vão, sabe bem quanto era relativamente comum poemas portugueses, ou poemas traduzidos, aparecerem na imprensa diária. Mas aqui o tradutor foi mais longe, fazendo anteceder a sua versão de «Voyelles» por uma informada notícia histórica acerca da —equivocada — passagem do jovem poeta francês por Lisboa. Raramente se encontrará artigo mais documentado sobre todos os aspectos que aborda, da recepção de Rimbaud entre os simbolistas lusos, à própria diacronia das traduções do poema vertido para a nossa língua no Brasil e em Portugal, trazendo rapidamente à memória os seus relevantes trabalhos para a biografia possível de Cesário Verde, o poeta que mais — e mais do que António Nobre — influenciou pares vindouros em Portugal. À beira dos 50 anos de idade, Silveira tinha perfeito domínio das suas excepcionais capacidades de investigador e historiador literário, e o que adiante pode ser lido demonstra-o cabalmente.

Esta folha de *O Comércio do Porto* de 10 de Fevereiro de 1970 não recebeu a mínima atenção dos rimbaudianos lusos — e poucos não serão eles, justificadamente aliás —, pelo que, cinquenta anos depois, a trazemos de novo a público como fruto de uma investigação que busca identificar e reabilitar a obra crítica do açoriano da Fajã Grande da Ilha das Flores no quadro das comemorações do centenário do seu nascimento, em Setembro de 2022. Com pequenas oscilações, a sua versão de «Vogais» coincide com aquela que Miguel Serras Pereira e João Moita publicariam na Obra Completa de *Arthur Rimbaud*, lançada em 2018 pela Relógio d’Água, mas confronta-se de modo interessante com aquela de Ângelo Novo (*Cartas do Visionário e Mais Nove Poemas*, Fora do Texto, 1995) e sobretudo com a de Gaëtan Martins de Oliveira (*35 Poemas de Rimbaud*, Relógio d’Água, 1991), que adoptaram uma diferente fixação do poema original. Note-se que já em 1970 Pedro reclamava, com um «Mas será tudo?» final, da ausência de uma tradução ampla ou integral da obra de Arthur — a qual só viria 48 anos depois...

Quando saiu *Mesa de Amigos*, Manuel de Freitas escreveu no *Expresso* o seguinte: «Numa altura em que talvez se sobrevalorize dema-

siado ostensivamente o ouro local, há que louvar a humildade com que Pedro da Silveira nos convida a partilhar jóias de outras latitudes» (1 de Fevereiro de 2003). Se há meses uma escandalosa e muito envenenada injúria trouxe à baila o nome do poeta falecido em Abril de 2003, aproveitemos então o nefasto pretexto para redescobri-lo como verdadeiramente foi e não como, aparentemente, algum (*preencher a gosto*) gostaria que ele fosse...

Vasco Rosa

O «mistério Rimbaud»... também em Portugal

Um dos mais interessantes capítulos do ensaio-inquérito de Jacques Lethève sobre os *Impressionistes et Symbolistes devant la presse* (col. Kiosque, ed. A. Colin, Paris, 1959) intitula-se «Le mystère Rimbaud». Um título, este, que se poderá traduzir à letra — «O mistério Rimbaud» — mas sem que se suponha ou ponha, no mistério, qualquer tempero puxando a extra-terreno. «Mortel, ange ET démon, autant dire Rimbaud...», mas deixemos a Verlaine o pensá-lo anjo e demónio, se uma coisa ou a outra; e fiquemo-nos pelo mortal, embora um mortal excepcional, que foi Jean-Arthur Rimbaud. Nesta opção ainda temos (ou tivemos) «mistério Rimbaud»: o do poeta cedo revelado e dentro em pouco fugido da literatura, cuja obra se irá impondo a um pequeno grupo de iniciados desde 1883, enquanto em França, salvo a família, ninguém lhe conhecia o destino verdadeiro, sequer se era vivo ou já morto.

Não calculo quando primeiro seria que o nome de Arthur Rimbaud soou ou se imprimiu em Portugal. Ignoro também se cá chegaria o número da revista *Lutèce* em que, naquele ano 1883, Verlaine publicou os *Poètes Maudits*, com seis inéditos de Rimbaud, entre os quais o soneto das «Voyelles». Ou se, em sua vez, chegaria a edição em opúsculo do ensaio de Verlaine, no ano seguinte lançada por Léon Vanier. Realmente, chegava cá muita coisa... Sou, contudo, levado a admitir, com boas ou más razões, que o primeiro divulgador entre nós da nomeada de Rimbaud terá sido Xavier de Carvalho, nalguma (ou nalgumas) das crónicas de Paris enviadas para *A Província*, do Porto, a partir de 1886. Infelizmente, até agora só pude ler-lhe a colaboração neste jornal desde Julho de 1889 até Fevereiro de 1890, quando a cessa. E assim, de seguro saber só sei que na última sua «Crónica de Paris» publicada n’*A Província*, a 14 de Janeiro de 1890, ele de facto se ocupa do autor das *Illuminations*. Mas não antecipemos; diga-se só, que, chegado a Paris em Setembro ou Outubro de 1885, então com 24 anos, não tardou a entrar na roda dos decadentistas. Em 1882, n’*O Português*, de Lisboa, testemunhará de si (e outros o corroborarão) que «nas colunas da *Província* foi dos primeiros, senão o primeiro, a discutir essa nova corrente poética francesa (o Decadentismo e o Simbolismo sua derivante), e que aqui em Paris tem estreitado relações com muitos dos primeiros vultos dessa *jeunesse montante* e fundadores da escola (como Mallarmé)» (e